as contribuições e os limites do p.t.

1. O surgimento e posterior desenvolvimento do PT produziram ou agravaram crises em vários setores e organizações de esquerda, levando à pergunta sobre a necessidade de sua existência, diante do aparecimento do novo partido. Alguns responderam com a dissolução dentro do PT, embora, em certos casos, formando tendências lá dentro. Outros, ainda não sairam da crise e, certamente, não sairão inteiros.

2. A questão, portanto, está longe de ser ociosa. De fato, o PT tem crescido enormemente e hoje é um partido legal e de massas, com uma estrutura de núcleos que oferece ao militante de esquerda, via de regra, uma perspectiva de militância diária. Além disso, o PT possui um Programa de conteúdo anti-capitalista, que responde as principais lutas políticas da atualidade do país, sob o prisma da classe operária. Estaria então superada a necessidade de uma organização revolucionária? O PT está ou estará um dia em condições de exercer o papel de um Partido Revolucionário?

3. Do ponto de vista ideológico, a linha política do PT está condicionada ao nível de consciência atingido por sua liderança, ou seja, os sindicalistas autênticos. Nesse sentido, o Programa do Partido tem seu conteúdo ainda limitado pela experiência de luta política recente da classe operária, tal qual foi absorvida por essa liderança, ou seja, de forma mais ou menos empírica, mais ou menos pragmática. O programa não avança além de reivindicações parciais, que não chegam a colocar em risco a ordem capitalista. Sob esse ângulo parcial é que estão estruturados os sete pontos de seu Programa: 1. liberdade de organização partidária e sindical; 2. desmantelamento dos órgãos de repressão política e fim da legislação de exceção; 3. combate à política salarial; 4. por melhores condições de vida; 5. reforma agrária; 6. independência nacional; 7. Apoio aos movimentos das mulheres, negros e índios. Nenhuma dessas reivindicações, se colocadas em prática. decretarão o fim do capitalismo no Brasil; nesse sentido, não são palavras de ordem revolucionárias. Porém, o proletariado brasileiro jamais se tornará revolucionário se não passar por uma escola de luta política, travando hoje as

lutas de seu interesse imediato e que, genericamente, estão expressas no Programa do PT.

4. Para o PT, o problema da revolução socialista ainda não está colocado politicamente. Há, de fato, no Programa, elementos de uma ideologia socialista, quando é feita referência a uma sociedade sem exploradores e explorados, ou quando se fala genericamente em governo dos trabalhadores. Mas essa simpatia socialista, expressa em textos e discursos da liderança, estão longe de ser compreendida em todas as suas consequências: necessidade da destruição do Estado burguês, da implantação da ditadura do proletariado, da socialização dos meios de produção, para não falar da insurreição e dos aspectos internacionais da revolução socialista.

A proposito dessas questões as propostas do PT estão abaixo mesmo daquelas que consideraríamos como o mínimo para o avanço de qualquer governo de transição revolucionário: destruição final das forças armadas burguesas, encampação dos monopólios, fim do controle da grande imprensa pela burguesia, confisco de estoques, controle operário dos preços, formação de um Congresso de Trabalhadores, como base do novo poder, etc. Evidentemente, não podemos pretender que o partido venha a adotar essas concepções pela via de um maior esforço na discussão interna (ao que parece esta é a maneira escolhida pelos trotskistas e também por outros grupos, que não perdem a oportunidade de querer inserir a todo custo no Programa do PT a sua concepção de Governo dos Trabalhadores). Da forma como foi criado e se desenvolve, o PT não se caracteriza como um partido de vanguarda, onde a discussão ideológica pudesse vir à ser elemento fundamental em sua formação. O PT é um partido operário (na medida que a hegemonia política é exercida por uma liderança operária), de massas, legal, dirigido por um núcleo de sindicalistas pragmáticos, e, como tal, tem os seus destinos políticos atados ao desenvolvimento político do proletariado, às lições que a luta trará. O PT é um espelho do amadurecimento político do proletariado; um instrumento importante na conquista de sua independência. Seu papel, sem dúvidas fundamental, não pode, entretanto, ser superestimado. O PT não substitui a necessidade de uma vanguarda revolucionária, devido a esse elo indissolúvel que o liga ás condições objetivas do movimento de massas.

5. A essa característica política do PT, que não faz dele hoje um Partido Revolucionário, fruto das circunstâncias objetivas do estágio atual das lutas de classe, há que se somar outras duas, que poderão atrasar consideravelmente o processo de amadurecimento político pelo qual passa o Partido, impondo retrocessos: trata-se, primeiro, da presença de uma expressiva facção pequeno-burguesa que, se não detém a hegemonia politica nacional, estruturou aparelhos estaduais sólidos e tenta descaracterizar o PT enquanto partido proletário, através da defesa de uma política de "frente popular" com partidos burgueses, unidade de oposições, coligações eleitorais, Constituinte, etc. Em segundo lugar, e principalmente nessas regiões dominadas pela facção pequeno-burguesa, o PT tem se descuidado de se enraizar mais no movimento operário, se ausentando de lutas importantes, como a greve da Fiat no Rio. Com a incorporação PP-PMDB, é possível que receba um "reforço" de descontentes dos partidos burgueses, que procuram o PT como tábua de salvação eleitoral. Essa gente só virá a reforçar essas facções pequeno-burguesas a que nos referimos. Entretanto, apesar dessas investidas e da expressão numérica da pequeno-burguesia no interior do PT, não se pode negar que a direção nacional dos sindicalistas autênticos mantêm a hegemonia política do Partido, impedindo retrocessos marcantes. O futuro, porém, é incerto, se não houver dentro do PT iniciativas no sentido de seu maior enraizamento no proletariado e na defesa das suas reivindicações políticas de forma mais sistemática.

6. Como podemos caracterizar esta hegemonia mantida pelos sindicalistas? Em primeiro lugar, são eles que garantem a presença das reivindicações imediatas da classe operária no centro da vida do partido. Reivindicações tais como a luta pela liberdade de organização e expressão da classe operária, a luta pelos interesses económicos - o salário, a estabilidade no emprego, etc. - tornaram-se a marca específica da fisionomia do partido e a base do seu caráter de classe. É certo que nem sempre estas reivindicações são defendidas com a necessária clareza. Exemplo notório é a questão da liberdade sindical que, mesmo constando como ponto de honra do programa e das resoluções de qualquer congresso do partido, em geral não é apresentada como uma luta política decisiva para o avanço do movimento operário. A tarefa é colocada, predominantemente, nos limites de uma mera dinamização dos

sindicatos atuais. Embora o episódio da intervenção do Estado no Sindicato de São Bernardo do Campo, em 1980, tenha pesado na balança, fazendo importantes lideranças sindicais ihclinarem-se no sentido de uma colocação da palavra de ordem (da liberdade sindical) nos termos de uma luta política contra a atual legislação, o que cria melhores condições para um possível avanço do partido neste terreno.

7. Mas a hegemonia dos sindicalistas não significa a defesa das posições classistas em todos os níveis. Na medida em que refletem o nível de experiência e consciência da sua classe, eles apresentam as grandes bandeiras ligadas à independência orgânica e política do proletariado mescladas com reivindicações democráticas gerais. A plataforma nacional aprovada recentemente traz inclusive uma nítida preocupação com as medidas econômicas de reorientação da produção capitalista, muito ao gosto dos movimentos da classe média. Se, por um lado, a presença de fortes contingentes da pequena burguesia dentro do PT pesa bastante na aprovação de plataformas deste tipo, não se pode porém desconhecer que os próprios sindicalistas endossam estas ilusões democráticas. Mas, se isto ocorre, é porque o nível de consciência dos sindicalistas está ligado ao desenvolvimento da sua experiência prática são posições que correspondem a um senso comum que o estágio das.lutas ainda não pôde colocar em xeque, e que é alimentado inclusive pela influência ideológica unilateral a que estão submetidos, frente às organizações políticas da pequena burguesia. Há, no entanto, uma grande diferença entre tais ilusões democráticas que os sindicalistas endossam, e o democratismo sistemático da esquerda pequeno-burguesa. Basta lembrar que foram os sindicalistas a principal força que garantiu a recusa da bandeira da Constituinte, bem como a recusa das coligações com os partidos burgueses. Carece, portanto, de qualquer fundamento, a caracterização dos sindicalistas que lideram o PT como o esteio de uma corrente social-democrata no País, como pretende provar a Convergência Socialista. A se buscar uma caracterização que sintetize a postura dos sindicalistas, seria o caso de considerá-los "pragmáticos", tendo assimilado as lições mais flagrantes que a experiência de luta de classes colocou a nu: a recusa em levar a classe operária novamente para servir de massa de manobra para os partidos burgueses, e a defesa das reivindicações mais sentidas pela grande massa do

operariado.

8. Esta assimilação pragmática, e portanto contraditória, dos princípios da luta operária, se manifesta também na questão eleitoral. Por força das posições defendidas pelos sindicalistas, o PT considera que as eleições não vão alterar significativamente a relação de forças entre a burguesia e o proletariado, devendo-se ver a campanha eleitoral e a atuação no Parlamento antes como meios de elevar o nível de consciência e de organização dos trabalhadores. Por isto mesmo, as direções optaram por estimular candidaturas de lideranças tais como Lula, Olívio Dutra, Jacob Bittar, lançados como candidatos a cargos de difícil conquista. Mas, simultaneamente, interesses eleitoreiros muitas vezes se impõem, e quebram a coerência das atitudes acima referidas. Assim têm sido as facilidades abertas para o ingresso de forças estranhas ao partido, em nome do "peso eleitoral" dessas forças, a exemplo da adesão de facções do PP em São Bernardo. Importante é notar, porém, que apesar das contradições nas atitudes dos sindicalistas, há uma tendência mais forte que se impõe, e que nos permite resumir a posição do PT frente as eleições como em geral anti-eleitoreira, com vacilações e desvios localizados. Na liderança do anti-eleitoralismo está o presidente do Partido, que agiu como porta-voz desta tendência na última Convenção Nacional.

9. O PT hoje, pelas suas próprias limitações, é mais um movimento político, do que propriamente um partido. Esse caráter se expressa na linha política concisa, que busca enfrentar apenas os problemas políticos imediatos e que permite abrigar em seu interior uma ampla gama de forças, que passa da igreja, aos sindicalistas autênticos e a uma dezena de organizações de esquerda. Sob o ponto de vista de sua direção, trata-se de uma frente entre a esquerda sindical, a esquerda católica e remanescentes do que, no passado, chamamos de "esquerda revolucionária" (hoje teríamos que encontrar um outro nome para a esquerda organizada que está no PT). O Programa adotado é um programa de unidade, classista, que atende as necessidades imediatas. Não é a toa que discussões tendentes a "precisar" mais o Programa (como no caso da Constituinte e do Governo dos Trabalhadores) esbarraram, de um lado, no grau de consciência atingido pela vanguarda operária - que é quem no PT decide em última instância - mas, de outro, teriam levado a quebra dessa frente

política, que só pôde se estabelecer por se assentar em pontos mínimos. Em termos objetivos, o PT representa também uma frente embrionária entre a classe operária, trabalhadores rurais e a pequena-burguêsia, sob a hegemonia da classe operária, que exerce através dos sindicalistas autênticos, ainda que o elemento predominante numericamente entre os militantes ativos seja o pequeno-burguês. Essa situação atual poderá evoluir de diferentes formas, no decorrer da luta de classe.

10. Uma das características maiores do PT é que este se desenvolve enquanto um movimento legal. Seria difícil imaginar que o PT viesse a sobreviver se, por algum motivo, a ordem política atual viesse a ser quebrada, como, por exemplo, num golpe militar "à argentina". O PT vive e sobrevive como entidade legal. Dificilmente resistiria a um golpe. Como também não resistiria se fosse quebrada a hegemonia atualmente detida pelos sindicalistas autênticos. Nenhuma força política dentro do PT hoje teria condições de manter inteiro o Partido se a facção pequeno-burguesa fosse bem sucedida em seu propósito de dirigir o Partido, esta seria uma vitória de Pirro, que redundaria na descaracterização ideológica do PT, em sua transformação em "partido popular" e na inevitável desintegração. Nesse caso, a ala proletária poderia constituir uma nova alternativa.

11. Enganam-se, portanto, os que avaliam o PT como um simples somatório de organizações de esquerda. A realidade do PT não pode ser deduzida a partir da situação de uma ou outra região, vistas isoladamente. A nível nacional, pesam predominantemente as lideranças operárias, cujas posições não se afastam da média reinante nas áreas mais concentradas e atuantes da classe operária brasileira. Isoladamente, nenhuma organização de esquerda (nem uma frente entre elas) teria condições de impor seus pontos de vista no PT. Quando isto ocorre, ou é um fato meramente regional, ou se dá às custas de ficções, ao estilo dos núcleos fantasmas, sob cuja fachada às vezes se disfarça um ou outro grupelho. Há organizações que preferiram contornar a situação, simplesmente abdicando de suas plataformas particulares, e virtualmente dissolvendo-se na massa do Partido. Na realidade, qualquer organização comunista que pretenda influir nacionalmente no PT só o conseguirá a prazo, na medida em que seja também uma força operária em

condições de influir nas lutas em curso da classe operária. O processo, evidentemente, terá o seu começo, numa acumulação de forças partindo de áreas localizadas do movimento operário.

12. Trata-se de aproveitar esse momento político para acelerar o nrocesso de amadurecimento político da classe operária. Isso significa participar do PT, não para tentar enfiar um programa revolucionário pela goela abaixo do Partido mas para tentar mobilizá-lo para a intervenção política sistemática, tomando como base sua plataforma e destacando, antes de mais nada, o seu item mais importante e urgente, a liberdade sindical. Um PT militante, que enfrente ao menos as questões políticas colocadas no seu programa, já será um avanço enorme sobre a situação atual e a passada. A própria luta trará a necessidade dos aprofundamentos na linha. Portanto, o caráter de luta do Partido é de vital importância; atualmente, nesse sentido, o PT está muito aquém das possibilidades (vide em relação ã liberdade sindical, o desemprego e em muitas lutas concretas onde se eximiu de participar. Por esta razão, deve-se defender a manutenção das palavras de ordem do Programa e sua concretização na Plataforma de São Bernardo, pois não se pode ver a campanha eleitoral dissociada do movimento real e das lutas que podem ser travadas. Por isso também deve-se abdicar da tentativa de aprimorar politicamente o Programa no sentido de um verdadeiro programa revolucionário, o que seria uma tantativa completamente artificial. Se não podemos dar muitos passos a frente na definição do Programa do PT, evidentemente devemos lutar com todas as forças contra as tentativas das facções pequeno-burguesas de retroceder nesse terreno até o ponto assimilável por tendências políticas burguesas.

13. A outra preocupação dentro do PT deve ser pelo seu maior enraizamento junto à classe operária, de forma a fortalecer o seu caráter atual, a hegemonia operária em seu interior. Isso significa dar prioridade a formação de núcleos com composição operária majoritária, que possam solidificar essa característica de classe. Esses núcleos, uma vez constituídos e levando uma prática consequente com o Programa do PT, se tornarão poios importantes para a formação de inter-núcleos que venham a produzir no Partido uma corrente de baixo para cima, de conteúdo genuinamente proletário, indo de

encontro às concepções positivas emanadas da direçao nacional do Partido (sindicalistas) e contribuindo para fortalece-las. Um tal movimento implantado no Partido viria a tirá-lo da inércia em que se encontra e neutralizaria, sem dúvidas, as pretensões da facção pequeno-burguesa.

14. Como já dissemos, o PT não tem condições de representar no momento ò papel deuma vanguarda revolucionária. Trata-se, porém, de uma expressão do movimento operário atual, precisamente a expressão da consciência já alcançada pelas fraçoes mais avançadas da classe, quanto à necessidade de um partido político independente dos partidos burqueses. As manifestações de independência da classe operária nascem marcadas por limitações, que são as próprias limitações do movimento recém-despertado. O PT será, para frações da classe que dele participam Ou que virão a participar, mais uma (e importantíssima) escola no caminho da sua formação. O papel dos comunistas não poderia ser o de olhar o fenômeno do alto e de fora dele, enumerando os seus desvios, que são, afinal, expressões do movimento operário real, hoje. A revolução, já disse Lenin, não avança em linha reta, como numa avenida larga e plana. E os comunistas não podem se isolar das manifestações genuínas do movimento operário, em nome das limitações que eventualmente venham a marca-lo, neste ou naquele estagio da luta. Afinal, o seu papel é o de contribuir para que as limitações se superem mais rapidamente, no tortuoso caminho das lutas: é o papel de contribuir para que o movimento operário possa mais rapidamente seguir o curso do seu amadurecimento, o qual passa, como já havia observado Marx em outras situações, pelo trabalho contínuo de criticar constantemente a si próprio, escarnecendo com impiedosa consciência as deficiências, fraquezas e misérias de seus primeiros esforços.